



SEÇÃO LIVRE

O campo universitário como espaço de expectativa autoritária: mecenato privado e redes de sociabilidade intelectual na Argentina da primeira metade do século XX

The university field as a space for authority expectations: private funding and networks of intellectual sociability in Argentina of the first half of the 20th century

El campo universitario como espacio de expectativas autoritarias: mecenato privado y redes de sociabilidad intelectual en la Argentina de la primera mitad del siglo XX

Alexandra Dias Ferraz

Tedesco¹

orcid.org/0000-0001-7840-5014

alexandra.tedesco@gmail.com

Recebido em: 6/2/2019.

Aprovado em: 9/8/2019.

Publicado em: 21/12/2020.

Resumo: A proposta do presente estudo é analisar a relação entre duas modalidades de adquirir e professar a cultura que concorrem no universo intelectual argentino durante as primeiras décadas do século XX, a saber, a esfera privada de produção cultural e a universidade oficial, ligada ao Estado. Trata-se de compreender de que forma a ampla rede de revistas literárias que caracteriza a Buenos Aires desse contexto se desenvolveu em relação de tensão com a profissionalização da Universidade que se acentuou a partir da Reforma de Córdoba, em 1918. Ao fim, este artigo pretende lançar luz sobre a possibilidade de abordar o campo intelectual a partir da inspiração de Carl Schorske, em *Viena Fim de Século*, considerando que os fenômenos intelectuais e culturais não se sucedem ou se enfrentam apenas em si mesmos, como unidades temáticas consistentes (diacrônicas) mas, sim, que eles estão relacionados, também, de modo sincrônico, às demais manifestações culturais e políticas de seu tempo.

Palavras-chave: História Argentina. História intelectual. Campo universitário. Revistas culturais.

Abstract: The purpose of the present study is to analyze the relationship between two modes of acquiring and professing the culture that compete in the Argentine intellectual universe during the first decades of the twentieth century, namely the private sphere of cultural production and the official university, linked to the State. The objective is to understand how the wide network of literary journals that characterizes Buenos Aires of this context developed in relation of tension with the professionalization of the University that was accentuated from the Reformation of Cordoba in 1918. In the end, this article aims to shed light on the possibility of approaching the intellectual field from the inspiration of Carl Schorske in *Vienna Fin du Siècle*: considering that intellectual and cultural phenomena do not succeed or confront themselves only as consistent unities (diachronic) but rather, that they are related, in a synchronic way, to the other cultural and political manifestations of their time.

Keywords: History of Argentina. Intellectual history; University champ. Cultural magazines.

Resumen: La propuesta del presente estudio es analizar la relación entre dos modalidades de adquirir y profesar la cultura que concurren en el universo intelectual argentino durante las primeras décadas del siglo XX, a saber, la esfera privada de producción cultural y la universidad oficial, ligada al Estado. Se trata de comprender de qué forma la amplia red de revistas literarias que caracteriza a Buenos Aires de este contexto se desarrolló en relación de tensión con la profesionalización de la Universidad que se acentuó a partir de la Reforma de Córdoba en 1918. Al final, éste artículo pretende arrojar luz sobre la posibilidad de abordar el campo intelectual a partir de la inspiración de Carl Schorske en *Viena*.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Fin de siglo: considerando que los fenómenos intelectuales y culturales no se suceden o se enfrentan sólo en sí mismos, como unidades temáticas consistentes (diacrónicas) pero sí, que ellos están relacionados, también, de modo sincrónico, a las demás manifestaciones culturales y políticas de su tiempo.

Palabras clave: Historia Argentina. Historia intelectual. Campo universitario. Revistas culturales.

"Leríamos certamente de forma menos cega as distribuições segundo a classe da leitura dos jornais se tivéssemos em mente a análise que Proust faz 'desse ato abominável e voluptuoso que se denomina ler o jornal e graças ao qual todas as desgraças e cataclismos do universo durante as últimas vinte e quatro horas, as batalhas que custaram a vida a cinquenta mil homens, os crimes, as greves, as falências, os incêndios, os envenenamentos, os suicídios, os divórcios, as emoções cruéis do homem de estado e do ator, transmutados num regalo matinal para nosso entretenimento pessoal por não nos dizerem respeito, acompanham excelentemente de uma forma particularmente excitante e tônica a ingestão recomendada de uns goles de café com leite".

(Pierre Bourdieu)

Introdução²

"Rebeldia, rechaço, desconcerto. Isso é o que sentimos. O mundo, este mundo imediato, nosso país, nossa cidade, nos aparece como algo pelo qual somos responsáveis" VIÑAS, 1953, p. 2, tradução nossa),³ assim se expressava Ismael Viñas no editorial inaugural da revista *Contorno*, empreendimento que, dentre outras prerrogativas, ficou conhecido como a *mea culpa* de uma geração. Nos termos de David, seu irmão e codiretor do periódico, a empreitada dizia respeito, sobretudo, "ao projeto, mais ou menos explícito, de dramatizar

polemicamente a cena cultural desse momento" (VIÑAS, 2004, p. 12, tradução nossa).⁴ Recém derubado o peronismo, em 1955, o grupo *Contorno* aglutinou uma camada muito específica de jovens intelectuais que, deslocados da Universidade durante os anos peronistas, mas formados em sua tradição, se colocaram a ampla tarefa de revisão dos anos anteriores, empreitada que aparecia, então, como uma necessidade prévia a qualquer posicionamento público sobre o futuro nacional.

Entre 1953 e 1959, os irmãos David Viñas e Ismael Viñas inscreveram o nome da família no círculo das revistas de Buenos Aires. David, crítico literário e professor da Universidade de Buenos Aires e, Ismael, jornalista, personificaram um duplo enfrentamento intelectual: inicialmente com seus próprios maestros, dentre eles a revista *Sur* (o que lhes rendeu a alcunha de "parricidas")⁵ e, de modo mais amplo, com o peronismo. A revista personificou também um olhar mais moderno sobre o regime de Perón, distante dos ataques irônicos de *Sur*⁶ e mais alinhado às novas referências de esquerda que então circulavam pela Argentina, notadamente ao existencialismo. Interessa observar, sobretudo, que sua crítica moderada ao peronismo os associa e distancia, simultaneamente, de uma ampla tradição de revistas culturais que remonta ao começo do século XX. É esse universo hipertrofiado de revistas culturais que tomo por objeto nesta análise, no intuito de observar de que modo esse tipo de sociabilidade configura-se como um tipo específico de adquirir e professar cultura e, nesse sentido, desenvolve-se, na Argentina, em oposição à profissionalização universitária. Trata-se, recuperando a inspiração de Carl Schorske em *Viena Fim de século* (1981), de somar à

² Este artigo faz parte da minha tese de doutorado, "A Argentina na Periferia do Tempo: os combates da sociologia científica e um mundo novo para os intelectuais (1930-1970)", defendida em 2018 no Departamento de História da Unicamp, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino, a quem agradeço neste momento de divulgação do trabalho.

³ Do original: Rebeldia, rechazo, desconcierto. Eso es lo que sentimos. El mundo, este mundo inmediato, nuestro país, nuestra ciudad nos aprietan como algo de que somos responsables.

⁴ Do original: al proyecto, más o menos explícito, de dramatizar polémicamente la franja cultural de este momento.

⁵ O termo é de Monegal, cunhado em *El Juicio de los parricidas*. La nueva generación argentina y sus maestros. Editorial Deucalión, Buenos Aires, 1956.

⁶ O artigo de duas páginas situa o peronismo como um "opróbio" de duas faces: uma de índole criminal, repressora, totalitária, outra, "de carácter escénico, hecha de necesidades y fábulas para consumo de patanes" (BORGES, 1955, p. 9). Sua análise se encaminha no sentido de questionar a essência mitológica do antigo governo e, para tanto, questiona as simbologias fundamentais do peronismo, como por exemplo o "melodrama" de 17 de outubro de 1945. Conclui avaliando que esses componentes míticos do peronismo "pertenecían al orden de lo patético y de lo burdamente sentimental; felizmente para la lucidez y la seguridad de los argentinos, el régimen actual ha comprendido que la función de gobernar no es patética" (BORGES, 1955, p. 10).

análise diacrônica de cotejamento das teses um corte sincrônico no mundo cultural: a *sociologia científica*, afinal, não dialoga apenas com outras *sociologias* mas, também, com outras manifestações simbólicas de época, que definem seus limites e sua pretensão.

Mais que revisar o peronismo, a queda do regime em 1955 provocou uma situação de hipertrofia interpretativa, de modo que falar sobre o peronismo equivalia, efetivamente, a falar sobre a Argentina. Corroborando com isso, segue Viñas, falando em nome da revista *Contorno* "sentimos que de algum modo somos responsáveis pelo que os representantes do intelecto, pelo que os homens de espírito fizeram. Ainda mais por suas omissões do que por seus atos nos sentimos culpados" (1953, p. 3, tradução nossa).⁷ Ismael Viñas e David Viñas levaram a cabo o que Sarlo chamou em *Los dos ojos de Contorno*, de uma tarefa ética, "nesse espaço fissurado, os juízos éticos assumem a forma de juízos políticos: a política, sartreanamente, é pensada como ética" (SARLO, 1983, p. 799, tradução nossa).⁸ Trata-se, ainda, segundo Sarlo, de um grande ajuste de contas com a própria "linhagem intelectual". Os discursos políticos de oposição ao peronismo, tímidos durante a vigência do regime, retornavam agora sob um verniz ético, "marcado pelo sartrismo, de onde extraíam suas fórmulas, seu estilo, seu ar de família, marcado também por uma tradição política argentina: a herança a que depois se renunciaria, como toda herança, havia influenciado o herdeiro" (SARLO, 1983, p. 803, tradução nossa).⁹

A posição de *Contorno*, bem como a de outras revistas que surgiram então nesse contexto, como a *Imago Mundi*, de José L. Romero, são representativas do acirramento da relação tensional que essa tese vem percorrendo: aquela que se refere a coexistência complexa de dois modos de aquisição da atitude intelectual – uma diletante, a dos cafés e das redes familiares que fomenta o trânsito pelas revistas e salões literários e outra, em gesta-

ção, técnica, rigorosamente universitária – que se amplifica a partir da segunda metade da década de 1950, a partir da queda de Perón. É esse campo de enunciação cultural que tomo por objeto nesse momento, atentando sobretudo para o amadurecimento de uma divisão que dali em diante se radicalizaria: aquela que congregava os intelectuais "livres", do universo das revistas, em oposição aos universitários que haviam permanecido na instituição durante o peronismo e em oposição aos quais se demarcava, para a *Contorno* e para a tradição periodística que a gerara, o funcional "nosotros".

Poderíamos pensar essa tentativa demarcatória, neste momento da análise, nos marcos de uma inspiração analógica, na divisão entre doutos e mundanos que Bourdieu menciona em *A Distinção*: em oposição à universidade sob intervenção, os professores vinculados aos setores mais tradicionais, em grande número, haviam sido expulsos da universidade durante o regime peronista e puderam encontrar refúgio em uma "causa do espírito" que então se defendia nas instâncias privadas de produção cultural. Esses mundanos, pois, consagrados a partir de seu próprio arbitrio enquanto grupo, contam, a seu favor, ainda, com um amplo repertório simbólico de práticas e de alianças familiares e, sobretudo, com o coeficiente distintivo por excelência: o tempo, a precocidade do capital cultural acumulado nas gerações anteriores. Essa identificação, vigente desde a virada do século XIX, se tornará ainda mais operativa, conforme essa tese pretende argumentar, ao longo da década peronista. Enquanto Perón irrompia no espaço público como o "novo" em oposição às "antigas elites" argentinas, esse setor letrado autônomo e consagrado na época da hegemonia da oligarquia liberal figurou enquanto anátema mítico do discurso peronista. Contudo, importa perceber que se, durante os anos que duraram o regime (1945-1955), esse setor foi capaz de manifestar sua oposição em aliança com uma imensa variedade de setores

⁷ Do original: Sentimos que de algún modo somos responsables por lo que los representantes del intelecto, por lo que los hombres de espíritu no han hecho. Aún más, por sus omisiones que por sus actos nos sentimos culpables.

⁸ Do original: en este espacio quebrado, los juicios éticos toman la forma de juicios políticos: la política, sartreanamente, es pensada como ética.

⁹ Do original: marcado por el sartrismo, de donde extrae sus fórmulas, su estilo, su aire de familia, pero marcado también por una tradición política argentina: la herencia a la que después se renunciaria, como toda herencia había influido sobre el heredero.

– comunistas, anarquistas, democratas de toda vertente –, na iminência da queda do regime e nos primeiros anos que se seguiram à queda, as marcas de distinção voltariam a se manifestar de modo premente, organizando as fissuras sociais que complexificaram as alianças no pós-1955.

Não são poucas as histórias institucionais e as reconstituições testemunhais que procuram dar conta dessa tensão entre campo privado de produção cultural e conhecimento acadêmico.¹⁰ Abrindo mão, por isso, de refazer caminhos já consagrados, procuro ater-me a um nível específico desse enfrentamento, a saber, as disputas entre cultura científica e cultura literária que compuseram essa relação tensional entre os dois universos, notadamente a partir dos sentidos atribuídos à experiência da *crise*. A proposta, em suma, é acompanhar a consolidação da própria tensão, tornando-a, em si, objeto. Não se trata, afinal, de dois mundos em oposição, muito menos de duas culturas que não se tocam: ao contrário, é precisamente na intersecção entre ambos os campos que se pode mensurar a vitalidade das tensões e o enquadramento das posições que delas se depreende.

A desconfiança da esfera privada em relação à universidade pode ser notada desde a fundação desta última. Muito embora a Universidade de Buenos Aires (UBA) tenha sido fundada ainda em 1821 (e a Universidade de Córdoba, a título de comparação, seja ainda colonial),¹¹ seus primeiros anos de funcionamento não alcançam cumprir a *meta civilizatória* proposta pela geração de fundadores. Felix Weimberg, no prólogo ao livro de Echeverría sobre os salões literários,¹² aponta que desde 1835, primeira década de

funcionamento efetivo da UBA, o governo de Juan Manuel de Rosas já perseguia professores (depois fecharia, oficialmente, a instituição). Nesse contexto de repressão, espaços privados como a livraria de Marcos Sastre, o Gabinete de Leitura que reunia, no centro de Buenos Aires, os jovens interessados em adquirir formação humanista, ganharam proeminência. Em 1837 tem início o Salão Literário para onde confluiria grande parte do que ficou conhecido como *geração de 1837*. Tal configuração é resiliente a ponto de que, já em meados do século, os círculos privados da elite letrada de Buenos Aires centralizassem essas redes (a Facultad de Filosofía y Letras da UBA foi fundada apenas em 1897).

Os fundadores da Facultad de Filosofía y Letras (FFyL), sintomaticamente, provinham desse ambiente de consagrações exógenas, embora fossem, a rigor, acadêmicos de formação. São eles Bernardo Irigoyen,¹³ Carlos Pellegrini,¹⁴ Rafael Obligado,¹⁵ Pablo Groussac,¹⁶ Lorenzo Anadón,¹⁷ Norberto Piñero¹⁸ e Joaquín V. González.¹⁹ Em 1896 foram eleitos, em reunião do conselho acadêmico, Carlos Pellegrini, como decano, Norberto Piñero, como vice-decano e Rafael Castillo como secretário. No decreto de criação da Faculdade, uma das justificativas é promover o desenvolvimento harmônico do país que, naquela ocasião, crescia economicamente e se modernizava.²⁰ É interessante observar, nesse sentido, a simbiose entre política e mundo intelectual, característica que é comum não apenas ao panteão de fundadores mas, também, a maior parte do corpo docente daquela época, composta por nomes consagrados nos debates públicos do País. A Faculdade de

¹⁰ Para uma análise extensiva e documental da história da Universidade de Buenos Aires é possível consultar, por exemplo, Buchbinder (2012), Sigal (2006), Pereyra (2005) e Donghi (2012).

¹¹ Sobre a fundação da Universidade de Córdoba e sobre as mudanças causadas ali pelo ideal reformista é possível, consultar TURNERMANN, 2008.

¹² GUTIÉRREZ, J. M.; ECHEVERRÍA, E. *El salón literario*. Estudio preliminar de Weinberg. Librería Hachette: Buenos Aires (18--).

¹³ Advogado, político e diplomata, foi duas vezes ministro das relações exteriores entre 1874 e 1882.

¹⁴ Advogado e político, foi presidente da Argentina entre 1890 e 1892.

¹⁵ Escritor, poeta e acadêmico.

¹⁶ Francês de nascimento, foi um famoso ensaístico, bibliotecário e historiador, em Buenos Aires.

¹⁷ Advogado, diplomata e político, atuou como Ministro da Fazenda no governo de Sáenz Peña.

¹⁸ Advogado e acadêmico, contribuiu na revisão do código penal argentino em 1890.

¹⁹ Político, historiador, filósofo e jurista, foi governador de seu estado natal, La Rioja, e por longo tempo, ministro de Instrução Pública.

²⁰ No decreto de fundação lê-se no 2 parágrafo que "o desenvolvimento progressivo do país e a sensível melhora dos interesses materiais, faz mais necessária a difusão desses estudos que representam as sínteses dos conhecimentos humanos, a fim de que o desenvolvimento do país seja completo e harmônico" (UBA, Digesto de la FFyL. Imprenta y Casa Editora Coni, 1940. Archivo de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires.B1, p. 1, tradução nossa). Do original: el desarrollo progresivo del país y el sensible acrecentamiento de los intereses materiales, hace más necesaria la difusión de esos altos estudios que representan la síntesis de los conocimientos humanos, a fin de que el desenvolvimiento del país sea completo y armónico.

Filosofia e Letras, pois, não nascia como ameaça ao prestígio dos setores letrados vinculados à elite agroexportadora, ao contrário, projetava-se como uma expansão de seus domínios.

Retomando, nesse momento, a caracterização dos primeiros anos da FFyL anunciada na parte introdutória deste artigo, podemos partir do primeiro plano de estudos da faculdade, que compreendia quatro anos dedicados à obtenção da licenciatura (os três primeiros) e do doutorado (no último ano). Incluía as seguintes disciplinas: Filosofia, Literatura, História, Geografia e Ciências da Educação (INIBI, 1996). Apesar do esforço organizacional, os primeiros tempos não foram fáceis para o empreendimento. Embora a documentação de fundação advogue o intuito de completar "o conjunto dos vários ramos que fazem parte do ensino superior, incorporando definitivamente em nossa universidade um departamento de estudos destinado a manter a mais alta cultura científica e literária" (BORDOLI apud FERNÁNDEZ, 1996, p. 5, tradução nossa),²¹ a pertinência da ambição foi logo refreada pela escassez de alunos. Como salienta Bordoli,

A precariedade dos recursos com os quais contava e as instalações em que funcionava, a escassez de alunos e, sobretudo, a indiferença quase total – do governo, de outros setores intelectuais e ainda de alguns setores da própria universidade – em relação a suas atividades, suas necessidades e até mesmo sua existência, perturbaram a vida da faculdade desde sua criação até por volta do ano de 1913 (BORDOLI, 1995, p. 8, tradução nossa).²²

Em 1904, por exemplo, Rodolfo Rivarola salientava a hostilidade que o novo centro de estudos sofreu por parte de seus pares acadêmicos. Em um contexto de predominância da referência positivista de ciência, as disciplinas de humanidades

não gozavam de prestígio frente às disciplinas mais técnicas e mais antigas, como as Engenharias e a Medicina, por exemplo. No mesmo sentido, em 1906, o então reitor da UBA, Eufemio Uballes, ponderava que "a Faculdade de Filosofia e Letras desabrocha em um ambiente que não lhe é propício, explicável pela natureza dos estudos desinteressados que nela se realizam e que não estimulam novas vocações" (UBALLES, 1907, p. 333, tradução nossa).²³ O "exagero científico e prático", nos termos de Rivarola, informava o desprezo que as outras áreas da universidade manifestavam pelos cursos de humanidades.²⁴ Apesar de que a década de 1920 tenha estabilizado, em algum grau, a existência da Faculdade, é possível perceber que, ainda assim, a maior parte dos alunos não almejava o título de doutorado que então se disponibilizava a partir do último ano de curso. O mesmo diagnóstico é atualizado, anos depois, por Ricardo Levene, quando aponta as baixíssimas estatísticas de candidatos aos cursos da Facultad de Filosofía y Letras. Em 1913, o então decano Rivarola iria queixar-se dessa situação de marginalidade nos seguintes termos: "tivimos o triplo vício de sermos filósofos, literatos e nacionais e, para a realidade de nosso pensamento, o governo preferiu sempre pedagogos e técnicos estrangeiros" (apud FERNÁNDEZ, 1996, p. 11, tradução nossa).²⁵ Efetivamente, o número de matriculados em 1898 é bastante reduzido: apenas 27. Serão 112, contudo, em 1903 e, finalmente, 222 em 1916.²⁶ Será apenas após a reforma de Córdoba, em 1918, e de seus reflexos na UBA, que a FFyL adquirirá certa relevância na vida cultural portenha.

Tanto Terán (2008) quanto Buchbinder (1997) coincidem, em suas histórias institucionais da

²¹ Do original: el grupo de las diversas ramas que forman parte de la enseñanza superior, incorporando definitivamente a nuestra universidad un departamento de estudios destinado a mantener la más alta cultura científica y literaria.

²² Do original: la precariedad de los recursos con que contaba y de las instalaciones en que funcionaba, la escasez de alumnos y, sobre todo, la indiferencia casi total - del Gobierno, de otros sectores intelectuales y aún de algunos de la misma universidad - hacia sus actividades, sus necesidades y hasta su misma existencia, perturbaban la vida de la Facultad desde su creación hasta cerca del año 1913.

²³ Do original: la Facultad de Filosofía y Letras aparece desenvolviéndose en un medio que no le es propicio, lo que es explicable por la índole de los estudios desinteresados que en ella se hacen y que no estimulan nuevas vocaciones.

²⁴ Um levantamento panorâmico das disciplinas vinculadas às ciências naturais e a sua relação com as Humanidades pode ser encontrado, por exemplo, em BABINI, J. *Historia de la Ciencia en Argentina*. Ediciones Solar: Buenos Aires, 1986.

²⁵ Do original: tuvimos el triple vicio de ser filósofos, literatos y nacionales, y para realidad de nuestro pensamiento el gobierno prefirió siempre pedagogos, prácticos y extranjeros.

²⁶ FERNÁNDEZ, S. M. (dir.). *La investigación, las bibliotecas y el libro en cien años de vida de Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*. UBACyT: Buenos Aires, 1996. (INIBI).

UBA, em ponderar esse inicial desprestígio com o intuito, bastante difundido na virada do século, de assegurar um espaço formal para as disciplinas de humanidades. Se, então, os setores mais tradicionais do mundo intelectual se opunham à tecnicização do saber e, se, por outro lado, os cursos de humanidades nasceram em simbiose com esse grupo, não é difícil entender, por exemplo, a ata do Consejo Directivo da FFyL de dezembro de 1920, reiterando a necessidade de cursos clássicos e corroborando a dimensão espiritualista que marca esse período da reação antipositivista e de questionamento da figura do cientista especializado. No documento lê-se que "insiste-se na leitura de autores clássicos e procura-se que o aluno penetre seu sentido e o valor que tem os idiomas clássicos para o conhecimento da própria língua. Busca-se que os exercícios não sejam mecânicos" (FERNÁNDES, 1996, p. 14, tradução nossa).²⁷ O plano de estudos de 1927 determina também a importância dos estudos humanísticos. Para Terán, esse projeto se relaciona intimamente com as pressões geradas pela imigração no sistema de ensino, que teria forçado as elites autóctones a elaborarem um plano de concessões e, nesse sentido, "esse programa traduziu-se no projeto e criação da FFyL [...] como resposta direta àquela demanda de remoralização republicana, aristocratizante e de um esteticismo clássico" (TERÁN, 2008, p. 67, tradução nossa).²⁸ Buchbinder, por seu lado, destaca que "a criação da Faculdade de Filosofia e Letras pode então ser percebida como a culminação de uma série de tentativas de criar um

âmbito público para a prática das humanidades" (BUCHBINDER, 1997, p. 26, tradução nossa).²⁹

Em consonância com os diagnósticos de Terán (2008) e Buchbinder (1997), é possível observar a distância entre a intensão da fundação e o desenvolvimento factual da faculdade. Fato é que não havia, na Buenos Aires da virada do século, nenhum prestígio específico em ser doutor pela UBA, muito menos em filosofia. Ao contrário, a maior parte do prestígio se comercializava nos salões literários e nos pertencimentos a clubes como o Club do Progresso e o Jockey Club.³⁰ Era lá que se discutia política, afinal, a universidade servia apenas como espaço de formação técnica e profissional. Em relato citado por David Viñas, o *gentleman* Eduardo Wilde sintetiza o tipo de consagração a qual me refiro:

Entre nós – escreve Eduardo Wilde, apelando desde o início para a fórmula conversacional e de grupo –, a Faculdade de Medicina mantém a triste ilusão de que os títulos que ela confere e as honras que dá ao talento e estudo têm algum valor. Erro deplorável. Mais que todos os títulos científicos e honras facultativas, vale o comentário das mulheres e a difusão da fama pela língua dos conhecidos. A Faculdade nos faz doutores e nada mais; mas as relações, os amigos da casa, as sociedades de caridade e as senhoras de bom gosto, nos tornam especialistas em criaturas, muito capazes de pneumonia, muito conhecedores de pernas quebradas e famosas por abrir ouvidos para as meninas das casas decentes. Para ganhar o título de especialista em crianças, não há nada mais para curar do que a menina de uma dama da moda, e para ganhar a reputação de um cirurgião, basta cortar os miolos de um homem rico e conhecido. Enquanto você não fizer isso [...] você nunca vai ser um médico como tantos (WILDE apud VIÑAS, 2005, p. 178-179, tradução nossa).³¹

²⁷ Do original: se hace hincapié en la lectura de autores clásicos y se procura que el estudiante penetre su sentido y aprecie el valor que tienen los idiomas clásicos para el conocimiento de la propia lengua. Se busca que los ejercicios no sean mecánicos.

²⁸ Do original: ese programa resuelta legible em el proyecto y creación de la FFyL [...] como una respuesta directa a aquella demanda de remoralización republicana, aristocratizante y de un esteticismo clásico.

²⁹ Do original: la creación de la Facultad de Filosofía y Letras puede percibirse entonces como la culminación de una serie de intentos por conformar un ámbito público para la práctica de las humanidades.

³⁰ "En este ámbito, los gentleman del 80 habían encontrado su lugar para el ejercicio del diletantismo y el regodeo hedonista. En opinión de Miguel Cané, decoración y objetos como los del Jockey Club 'educan como las ideas y allí como el arte y la preocupación por la belleza reinan y se imponen, es fácil alcanzar ese pensamiento espiritual, esa cortesía de maneras y lenguajes que constituyen la esencia de la alta cultura' (RAPOPORT; SEOANE, 2007, p. 117).

³¹ Do original: Entre nosotros – escribe Eduardo Wilde apelando desde el comienzo a la fórmula conversacional y de grupo –, "la Facultad de Medicina se hace la triste ilusión de que los títulos que concede y los honores que dispensa al talento y al estudio tienen algún valor. Error deplorable. Más que todos los títulos científicos y los honores facultativos valen las habillitas mujeriles y la propagación de la fama por la lengua de los conocidos. La Facultad nos hace médicos y nada más; pero las relaciones, las amigas de la casa, las sociedades de beneficencia y las señoras bien vistas, nos hacen especialistas en criaturas, muy hábiles para pulmonía, muy entendidos en roturas de piernas y famosos para abrir orejas a las niñas de las casas decentes. Para ganar el título de especialista en niños, no hay más que curarla tos que tuvo la chica de una señora a la moda, y para ganar la fama de cirujano, basta cortarle los callos a un hombre rico y conocido. Mientras usted no haga esto, bien puede verificar maravillas en las criaturas de los corralones y practicar las operaciones más difíciles in *anima vili*: jamás pasará usted de ser un médico como tantos.

Se, durante as primeiras décadas do século XX, a universidade permanece, desse modo, como espaço embrionário de circulação intelectual, a década de 1930, inaugurada pelo golpe encabeçado pelo general Félix Uriburu.³² acaba por soterrar quaisquer avanços em termos de autonomia institucional.³³ A intervenção nas universidades que então se inicia sob mandato do ditador – levada a cabo por Benito Nazar Anchorena – é paralela ao crescimento do setor letrado, dos cafés e do mercado editorial de modo geral e, paradoxalmente, é também o “momento em que o político irrompe como um poder capaz de fragmentar a autonomia do campo” (TERÁN, 2004, p. 45, tradução nossa).³⁴ Silvia Sigal (1996) corrobora as análises de Terán e Buchbinder ao apontar que quando assume A. Justo, em 1932, a universidade argentina tinha perdido todo o pouco prestígio que havia obtido após os ecos da reforma de Córdoba.

Conforme já apontado, a Reforma de Córdoba foi um movimento que começou com os estudantes de Córdoba e logo se generalizou por toda América Latina. O corpo gestor daquela universidade, fundada ainda no período colonial, reagira de maneira violenta à algumas demandas dos estudantes, principalmente aquelas que procuram atacar a organização das cátedras. O governo de Hipólito Yrigoyen, então, interveio contra a truculência da administração viabilizando a formação de um movimento amplo e poderoso, que inspirará mudanças na estrutura universitária de todo o País nos meses seguintes.

O famoso manifesto “De la juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de sud américa”³⁵ redigido pelos estudantes de Córdoba pode funcionar como exemplo do que Funes chamou de “hermenêutica da crise”: “As dores que ficam são

as liberdades que faltam. Acreditamos que não erramos, as ressonâncias do coração nos advertem: estamos pisando sobre uma revolução, estamos vivendo uma hora americana”. Quase impossível não acionar a profecia de Spengler, tão amplamente divulgada entre os estudantes argentinos, de que as formas caducas deveriam sucumbir. O tom do documento é contundente, como se vê pela explicação dada, no manifesto, para o atraso do pensamento nas instituições argentinas:

As universidades chegaram a ser assim fiel reflexo destas sociedades decadentes que se empenham em oferecer este triste espetáculo de uma imobilidade senil. Por isso é que a ciência frente a essas casas mudas e fechadas, passa silenciosa ou entra mutilada e grotesca no serviço burocrático. Quando em momento fugaz abre suas portas aos altos espíritos é para arrepende-se logo e fazer-lhes impossível a vida em seu recinto (tradução nossa).³⁶

Converte-se, pois, o novo e o jovem em valores positivos em si mesmos:

A juventude já não pede. Exige que se reconheça o direito de exteriorizar esse pensamento próprio nos corpos universitários por meio de seus representantes. Está cansada de suportar os tiranos. Se foi capaz de realizar uma revolução nas consciências, não pode desconhecer-se a capacidade de intervir no governo de sua própria casa. A juventude universitária de Córdoba, por meio de sua federação, saúda os companheiros da América toda e os incita a colaborar na obra de liberdade que se inicia.³⁷

A partir de Córdoba as pautas do movimento alcançaram a Universidade de Buenos Aires, mais aberta à essas tensões e mais moderna no que dizia respeito à gestão. Tão logo é derrubado o governo de Yrigoyen, contudo, o legado da reforma é ressignificado de modo negativo. Nos termos de Rapoport e Seoane,

³² Para um breve histórico do golpe de 1930 é possível consultar, por exemplo, Beired (1996).

³³ O *Reglamento de la Facultad de Filosofía y Letras* de 1907, por exemplo, dispunha, em seu primeiro capítulo, das atribuições dos distintos órgãos colegiados. A autonomia que então se colocava no documento, em consonância com os debates da Ley Avellaneda, reservava amplos poderes ao decano e ao Conselho Universitário. Essa estrutura será colocada em xeque, nos anos 1930, com a intervenção de Anchorena. Ver RUBA, Año V, t. 10, p. XXXVII a XLV em FERNÁNDEZ, S. M. (dir.). *La investigación, las bibliotecas y el libro en cien años de vida de Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*. UBACyT: Buenos Aires, 1996.

³⁴ Do original: momento en que el político irrumpió como una potencia capaz de fragmentar la autonomía del campo.

³⁵ FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE BUENOS AIRES. *La reforma universitaria*. Tomo II. Documentos relativos al movimiento estudiantil en Córdoba y Buenos Aires. 1918. Comp. Gabriel Del Mazo. Talleres Ferrari, 1927.

³⁶ FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE BUENOS AIRES. *La reforma universitaria*. Tomo II. Documentos relativos al movimiento estudiantil en Córdoba y Buenos Aires. 1918. Comp. Gabriel Del Mazo. Talleres Ferrari, 1927.

³⁷ O documento é assinado por Enrique F. Barros, Horacio Valdés, Ismael C. Bordabehere, presidentes Gumersindo Sayago, Alfredo Castellanos, Luis M. Méndez, Jorge L. Bazante, Ceferino Garzón Maceda, Julio Molina, Carlos Suárez Pinto, Emilio R. Biagosch, Angel J. Nigro, Natalio J. Saibene, Antonio Medina Allende y Ernesto Garzón.

para o elenco de golpe de 1930, tanto a Reforma Universitária quanto o movimento estudantil fizeram parte do que foi interpretado como uma expressão do triunfo da demagogia na Universidade. Portanto, como os demais aspectos relacionados à experiência yrigoyenista, deveriam ser eliminados (2007, p. 582, tradução nossa).³⁸

A destruição de centros acadêmicos e a perseguição de professores e alunos, como Alfredo Palacios e Mario Sáenz, começa a ser sistemática. A embrionária FUBA (Federación Universitaria de Buenos Aires), organização que terá papel fundamental nos anos posteriores, é posta na clandestinidade. Tais medidas geram um clima de expectativa autoritária na universidade, que nem mesmo as periódicas manifestações de intensão normalizadora durante os anos 1930 conseguiriam dirimir. Trata-se, para além das disputas da ordem do dia, de uma batalha simbólica pelo legado da reforma de Córdoba. Assim se expressa a FUBA, em manifesto que circulou extraoficialmente:

Nesta ânsia de suplantar o conteúdo espiritual e científico da Reforma pelo império dos métodos conservadores e anacrônicos, por práticas viciadas em sua essência, pela acomodação de minorias selecionadas que se consideram depositárias de todo patrimônio e de toda a argentidade existente, cometem abusos deploráveis como o fechamento de centros estudantis, o seqüestro de jornais universitários, a Tribuna Universitária por exemplo, e a prisão de seus editores, mantidos rigorosamente incomunicáveis (apud SALAS 2001, p. 97-98).³⁹

Em 1931, o interventor Anchorena reforma o estatuto da UBA, restringindo a representação estudantil tanto em número absoluto como em potencial deliberativo. Ao mesmo tempo, uma das conquistas da Reforma de Córdoba, a saber, a designação de professores por concurso, ameaçava ser escamoteada: os opositores eram abertamente eliminados nos pleitos, que agora in-

cluía uma análise dos antecedentes de conduta dos postulantes. Insinuava-se, como justificativa para as medidas repressivas, a desconfiança de uma suposta investida comunista que incidiu sobre nomes tão insuspeitos como Ricardo Levene.

O governo constituído de fato entregou a educação aos fundamentalistas e intelectuais católicos do nacionalismo de direita. O objetivo era modelar a juventude de acordo com os ideais católicos, rosistas, medievais e hispânicos. Por um lado, tentou-se unir a educação universitária na metafísica e no tomismo. Por outro lado, a educação religiosa foi introduzida por decreto nas escolas públicas, separando-as do secularismo introduzido em 1884. Desta forma, a igreja e os católicos nacionalistas completaram seu avanço no sistema educacional (RAPOPORT; SEOANE, 2007, p. 587, tradução nossa).⁴⁰

O movimento estudantil, assim como um representativo setor do professorado, havia apoiado, em princípio, a queda de Yrigoyen. As decisões tomadas por Uriburu, contudo, na pessoa do interventor Anchorena, logo instalaram um cenário crítico nas relações entre universidade e Estado. O influxo de 1930, a partir do golpe de Uriburu, traz consigo a ideia de restabelecer a ordem nas universidades, lembra Sigal, ainda que para isso acabasse "transformando-os em centros de proselitismo interessados, movidos por paixões violentas" (SIGAL, 1996, p. 57, tradução nossa).⁴¹ Quando, em 1932, assume Justo, a universidade havia perdido não só sua vitalidade como o pouco prestígio que vinha acumulando desde a reforma, em contraste com o crescimento vigoroso do público letrado.

Diante da intervenção evidencia-se, ainda, uma distinção na composição dos espaços intelectuais. Desde as inflamadas defesas de Ernesto Quesada e dos reiterados esforços de Ingenieros por organizar os estudos universitários em humanidades a partir de um ponto de vista científico,

³⁸ Do original: para el elenco golpista de 1930, tanto la Reforma Universitaria como el movimiento estudiantil formaban parte de lo que se interpretaba como expresión del triunfo de la demagogia en la Universidad. Por lo tanto, al igual que los demás aspectos vinculados a la experiencia yrigoyenista, debían ser eliminados.

³⁹ Do original: en este afán de suplantar el contenido espiritual y científico de la Reforma por el imperio de métodos conservadores y anacrónicos, por prácticas viciadas en su esencia por el acomodo de minorias selectas que se consideran depositarias de todo patrimonio y de toda argentinidad existentes, cometen abusos deplorables como el cierre de centros estudiantiles, el secuestro de periódicos universitarios, Tribuna Universitaria por ejemplo, y la prisión de sus redactores, rigorosamente incomunicables.

⁴⁰ Do original: el gobierno de facto conformado entonces entregó la educación a integristas católicos y a intelectuales del nacionalismo de derecha. El objetivo era modelar a la juventud conforme a los ideales católicos, rosistas, medievales e hispanistas. Por un lado, se intento examinar la educación universitaria dentro de la metafísica y el tomismo. Por el otro, se introdujo por decreto la enseñanza religiosa em las escuelas públicas, apartándolas del laicismo implantado en 1884. D esta manera, la iglesia y los nacionalistas católicos culminaban su avance en el sistema educacional.

⁴¹ Do original: en les transformant en centres d'un prosélytisme intéressé agite par des passions violentes.

a universidade projetou-se como espaço mais aberto no que diz respeito ao recrutamento de seus membros, ao menos quando a comparação é feita com as revistas e clubes de leitura, mais herméticos. Assim, quando a década de 1930 e o governo de Uriburu debilitam a universidade, a elite letrada portenha – que eventualmente frequentava os cursos – conseguiu criar uma alternativa para si própria, delegando à universidade o *status* menos prestigioso de colégio profissional. Além disso, uma operação fractal pode ser observada: ainda que frequentassem a universidade, especialmente os cursos mais prestigiosos como Direito e Medicina, esses letrados estavam em posição favorável em relação aos egressos das camadas sociais mais baixas. Assim, corroborando o diagnóstico de Eduardo Wilde de que o verdadeiro prestígio, mesmo para os acadêmicos, se encontrava fora da academia, é possível rastrear um movimento paralelo: conforme se debilitam as relações profissionais na universidade, aumenta, ou se restabelece, o papel das redes familiares de prestígio cultural.⁴²

Tratando do caso da população estudantil francesa, Bourdieu e Passeron (2013) nos apresentam a possibilidade de pensar o público universitário de forma fragmentada, inspiração a qual recorreremos neste momento da análise. Em oposição à aposta de Mannheim de que os vínculos acadêmicos se sobrepõem aos sociais em alguma medida, os autores destacam precisamente a permanência dessas distinções sociais anteriores. O café, por exemplo, como espaço estudantil, não pode ser associado a qualquer tipo de estudante, mas àquele diletante, em oposição aos alunos de classe média baixa cujos vínculos intelectuais não ultrapassam as portas de saída da universidade.

Estudar não é criar, é criar-se; não é criar cultura, menos ainda criar uma nova cultura, é criar-se, no melhor dos casos, como criador de cultura ou, na maioria dos casos, como usuário ou transmissor profissional de uma cultura criada por outros, isso é, como professor ou especialista. Mais genericamente, estudar não é produzir, senão produzir-se como alguém capaz de produzir (BOURDIEU; PASSERON, 2013, p. 84, tradução nossa).⁴³

No caso argentino, a divisão para-estatutária que se verificava dentro das universidades respondia, como sugere Viñas (2005), a uma estrutura de pertencimentos anteriores. Esses pertencimentos eram, notadamente a partir dos anos 1880, da ordem dos modos de vida urbanos, como salientado anteriormente. Na Buenos Aires da *belle époque* – 1880-1920 – o espaço para as tertúlias intelectuais é, sobretudo, a própria cidade. Os cafés, as livrarias e as agrupações de vanguarda como a *Proa* e a *Martin Fierro* forneciam um espaço de circulação vigoroso para aqueles que se dedicavam, e podiam se dedicar, ao mundo das letras. Aos poucos, a modificação da fisionomia da cidade, a emergência de novos setores e a consolidação de outros – como diria Sarlo (apud Vasquez -Rial, 2006), a perda de sacralidade do espaço público – contribuem para alterar essa configuração.

Thomas Bender sugere uma intersecção fundacional entre urbanismo e história intelectual. Os modos de viver, afirma, mudam conforme as consagrações intelectuais se deslocam; os cafés, por exemplo, são um modo de viver a cidade distinto daquele que pressupõe a universidade. Em seu argumento, quanto mais acadêmica uma cultura se torna, mais apartada ela tende a estar da vida intelectual urbana, isso porque a universidade supõe uma comunidade de discurso específica, mais hermética que aquela que circula na cidade. Se, no século XIX, o que

⁴² Segundo Bourdieu e Passeron, esse setor tende a ler obras menos acadêmicas, ter interesses mais diversos, viajam, ser mais cosmopolitas, etc. "Os alunos mais favorecidos não possuem apenas hábitos, treinamentos e atitudes que os sirvam diretamente em suas tarefas acadêmicas, eles também herdam conhecimentos e saberes, gostos e bom gosto, cuja rentabilidade acadêmica, embora indireta, não é por isso é menos evidente" (2013, p. 32, tradução nossa). [Do original: "Los estudiantes más favorecidos no deben sólo a su medio de origen hábitos, entrenamientos y actitudes que les sirven directamente em sus tareas académicas, heredan también saberes y un saber hacer, gustos y un buen gusto, cuya rentabilidad académica, aun siendo indirecta, no por eso resulta menos evidente"]. A tal familiaridade com a cultura, o passado cultural, se impõe na desenvoltura irônica e na certeza estatutária dos irmãos Viñas, por exemplo; seriam exemplo dessa comunhão entre *savoir faire* e *savoir vivre*. A maneira de adquirir é constitutiva do que se adquire, nessa perspectiva. Ser estudante não é suficiente para unificação: o vínculo de identificação mesmo na universidade, é favorecido por relações extrauniversitárias.

⁴³ Do original: estudiar no es crear sino crearse, no es crear una cultura, menos aún crear una nueva cultura, es crearse em el mejor de los casos como creador de cultura o, en la mayoría de los casos, como usuario o transmisor experto de una cultura creada por otros, es decir, como docente o como especialista. Más generalmente, estudiar no es producir, sino producirse como alguien capaz de producir.

fornece esse repertório é a cidade, a complexificação do universo intelectual produz uma espécie de desmembramento: as especialidades acadêmicas, nesse sentido, responderiam a essa diversificação dos discursos culturais. Assim, a profissionalização que gera as *comunidades epistêmicas* (BENDER, 1985, p. 10), funcionaria como um dique de contenção das relações informais de parentesco e de favorecimento pessoal. Importa perceber, nesse sentido, que o ganho de prestígio da academia é, inevitavelmente, vivido, sentido e narrado como crise pelo grupo que é despojado de suas prerrogativas, no caso, os homens de letras das cidades, dos clubes fechados e dos cafés (TOURAINÉ, 1997; RINGER, 1999). Essa situação, contudo, mantém-se instável no caso argentino na medida em que, conforme tenho sugerido, as reiteradas intervenções na universidade permitem que a cidade, com seus circuitos mundanos de consagração – em oposição à cidadela universitária – siga atuando enquanto salvaguarda do mundo da cultura frente às ameaças da política.

Para Silvia Sigal (1996) e Neiburg (1997), nesse sentido, a força das instâncias privadas argentinas reflete um processo duplo: a debilidade do Estado e o vigor do mecenato privado. No mesmo sentido escreve Miceli (2014) ao destacar o fato de que a autonomia intelectual na argentina esteve sempre vinculada às fortunas pessoais. Em *Ensayos Argentinos*, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano sintetizam esse panorama. Para eles, a profissionalização do escritor que ocorre a partir de 1910 é correlata a uma prosperidade das "ideologias de artista". Apesar disso, efetivamente, "a busca da legitimação ideológica de suas funções dentro da divisão do trabalho, desenvolve-se, contudo, fortemente condicionada pelo controle oligárquico do aparato cultural" (ALTAMIRANO; SARLO, 1997, p. 111, tradução nossa).⁴⁴ Dessa forma, as intervenções e a debilidade institucional das universidades "contribuíram para consolidar a capacidade de auto-organização dos intelectuais" (SIGAL, 1996,

p. 102, tradução nossa):⁴⁵ um retorno à cidade ou, ao menos, aos modos de consagração tradicionais que ela engendrava desde o começo do século. O campo literário é, segundo a autora, o espaço privilegiado da reflexão sobre os imigrantes, especialmente, no contexto de universidade fragilizada. Em seus termos, inclusive, "a experiência argentina nos permite avançar no pressuposto de que a redução da autonomia dos campos é sinal de reforço do papel dos intelectuais" (SIGAL, 1996, p. 44).⁴⁶ A cidadela universitária, nesse contexto, se enfraquece, e renegá-la passa a ser um modo de salvaguardar o prestígio construído na cidade e para a cidade.

A respeito desse aspecto crítico da vida intelectual nas cidades, José L. Romero, protagonista da reconstrução universitária após a queda do peronismo, destaca que frente a uma sociedade com costumes muito rígidos, como era a portenha, os imigrantes desestabilizam de modo candente os códigos de pertencimento social: "essa massa não possuía um sistema coerente de atitudes nem um conjunto harmonioso de normas" (2004, p. 398), não possuía, em suma, um estilo de vida identificável. Também Gorelik, em *A Buenos Aires de Ezequiel Martínez Estrada*, retoma essa discussão ao propor que "Ruas e praças, edifícios e monumentos, estão convertidos em indícios materiais de uma dimensão simbólica da vida moderna, que a cidade, simultaneamente, produz e encarna" (2009, p. 35). É um território de supersignificado, esse da cidade, a partir do qual se produzem igualmente suas narrativas críticas e elogiosas. Para Gorelik, inclusive, é o ensaio, desde Simmel, a forma que melhor expressa o pensamento figural sobre as cidades. Subscrevendo esse diagnóstico, pode-se encontrar ainda outras nuances acerca da tensão entre produção privada de cultura e de universidade estatal: para além da oposição institucional (que diz respeito aos lugares de produção cultural), há, ainda, uma tensão formal, na medida em que o espaço acadêmico,

⁴⁴ Do original: a la búsqueda todavía de la legitimación ideológica de sus funciones dentro de la división del trabajo, se desarrolla fuertemente condicionada por el control oligárquico del aparato cultural.

⁴⁵ Do original: ont contribué à consolider la capacité d'auto-organisation des intellectuels.

⁴⁶ "L'expérience argentine permet d'avancer l'hypothèse selon laquelle la diminution de l'autonomie des champs est le signe d'un renforcement du rôle des intellectuels" (idem, p. 44).

e a comunidade epistêmica por ele conformada, operam com um tipo de narrativa mais rígida, mais científica e, sobretudo, mais formalizada. A análise acadêmico-científica, como sugeriu Adorno, não possuiria a vocação antissistêmica do ensaio,⁴⁷ formato que até então detinha, na Argentina, o monopólio de crítica sobre a cidade e a modernidade e que, conforme Satith, "enquanto estratégia textual de intervenção pública, é um dos gêneros discursivos mais idôneos para transmitir uma exegese pessoal e subjetiva de uma realidade em crise" (apud NEIBURG; PLOTKIN, 2004, p. 107, tradução nossa).⁴⁸ A dessacralização do homem de letras enquanto figura romântica andava de par, nesse sentido, com a emergência do intelectual profissional, que falava a partir da cátedra. Subjaz ainda à essa querela o fato de que o tipo de "intelectual" que opera nos cafés não é o mesmo que aquele que ocupa, prioritariamente, os bancos do ensino formal: passa-se, em suma, da produção amadora de cultura para uma produção técnica de conhecimento. Desse modo, ceder terreno à universidade era ceder, ao mesmo tempo, um objeto e um lugar de enunciação. É o ocaso do *causeur* de David Viñas (2005), personagem antiquado que desaparece frente ao especialista. São essas as tensões que informam, nas primeiras décadas do século XX, o trânsito e as desigualdades de prestígio entre essas duas esferas. É assim que as humanidades acadêmicas passam a disputar espaço, em condição de desvantagem, com os *gentleman* escritores, e fica estabelecida uma relação de competição simbólica entre os dois universos.

A intervenção da universidade, tanto em 1930 quanto anos depois, com o peronismo, responde

a uma narrativa bastante conhecida dos debates intelectuais argentinos: a da crise. Se, na esfera privada, conforme a sequência do argumento, a crise se estabelecia a partir da alegada perda do universo de referência espiritual e da inviabilização do sujeito individual, para o setor universitário que emerge com as intervenções ela se colocava, precisamente, em seu oposto funcional: na necessidade de fomentar uma universidade a serviço da essência nacional, emancipando-se da perspectiva positivista que havia orientado os debates argentinos durante as décadas anteriores e que, por sua suposta cegueira às especificidades nacionais, havia deixado como herança um vazio crítico.

Se a universidade passa a ser associada, pelo circuito dos cafés e das editoras privadas, a pernicioso vitória da técnica, o exílio interior, que tanto lastreou as posições mais clássicas do campo intelectual, oferecia-se enquanto plataforma de resistência à essa "desvirtuação". Na década de 1940 a universidade se torna, para grande parte desse setor privado de produção intelectual, sintoma da crise, não uma possibilidade de pensá-la sistematicamente. Conforme Viñas (2005), inclusive, basta acompanhar o trânsito desses letrados da elite argentina da virada do século para notar, em oposição às viagens de formação que faziam os jovens da geração de Sarmiento, uma mudança sintomática de itinerário: aos poucos a Europa se torna a própria metáfora da torre de marfim. Para a geração de 1900, nos termos de Viñas, o passado é a única perspectiva identificável com o *sempre*. Manuel Galvez, Eduardo Mallea, Juan B Terán e logo Victoria Ocampo, são os nomes desse ocaso da *Belle Époque Porteña* que, desiludida, acabará por retornar ao pampa e às demandas identitárias,

⁴⁷ Adorno em *O Ensaio como Forma*, aponta que o ensaio não é, como queria Lukacs, uma forma de arte, pois não se define na estética. Foco de sua crítica, "na alergia contra as formas, consideradas como atributos meramente acidentais, o espírito científico-acadêmico aproxima-se do obtuso espírito dogmático" (ADORNO, 1995, p. 19). Não se pode pressupor, nessa leitura, que todo conhecimento queira ou deva ser ciência. Há objetividade, por exemplo, em Proust, embora ela não seja redutível à ciência: o ensaísmo questiona o próprio sentido ou necessidade do método, o ensaio "não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva" (idem, p. 25), levanta, ao contrário, a bandeira do efêmero. A ciência insiste em definir conceitos, o ensaio é refratário a isso, na medida em que "incorpora o impulso antissistêmico em seu próprio modo de proceder" (ibidem, p. 28), a ciência insiste nessa obsessão, do conceito como tábua rasa, para justificar suas pretensões de autoridade, o ensaio, por seu turno, é uma tessitura: "o próprio método do ensaio expressa sua intensão utópica" (ibidem, p. 31), é o manifesto anticartesiano *par excellence*, anula qualquer pretensão de completude. O ensaio se propõe fragmento justamente porque a realidade é fragmentada, "escreve ensaisticamente quem compõe experimentando, quem vira e revira seu objeto" (ibidem, p. 35), nesse sentido, é aparentado com a retórica: luta pela felicidade, ao contrário da ciência. Hoje em dia encontra-se prensado entre o cientificismo e o anti-intelectualismo, uma pena, pois "apenas a infração à ortodoxia do pensamento torna visível, na coisa, aquilo que a finalidade objetiva da ortodoxia procurava secretamente manter invisível" (ibidem, p. 45).

⁴⁸ Do original: En tanto estrategia textual de intervención pública, es uno de los géneros discursivos más idôneos para transmitir una exégesis personal y subjetiva de una realidad en crisis (2004, p. 107)

invertendo o sinal de seus antecessores que ainda confiavam na panaceia progressista. A mudança de itinerário é, nesse sentido, reveladora: de Paris, antes da volta, fazem agora uma parada em Madrid, em uma reveladora revalorização simbólica "Paris, identificada com erotismo, vício, histeria, e tudo o que história e cultura se desagrega, lo que parece com nitidez no Pierrô de Guiraldes" (VIÑAS, 2005, p. 56, tradução nossa).⁴⁹

Também Sarlo em *Modernidad Periférica*, captura um movimento análogo, no qual as antigas aspirações progressistas de nomes como Ingenieros passam a ser permeadas por um diagnóstico trágico. "A um momento vivido como crítico, a explicação ou a figuração histórica parecia brindar um princípio de ordem intelectual e hierarquia causal" (SARLO, 2010, p. 207, tradução nossa).⁵⁰ O passadismo, o apelo à empatia letrada com o mundo popular – sob sua inegociável tutela simbólica – e restauração dos valores nacionais ajudam a compor essa guinada do mundo das letras, agora preocupado em resistir ao processo de modernização que sobrevinha com a sociedade de massas. A república dos intelectuais, sintetiza Sarlo, idealizava então um mundo no qual a tarefa intelectual resumia-se em "trabalhar unicamente na esfera do espírito para mostrar uma verdade que, sepultada sob as aparências, somente um punhado de argentinos invisíveis conhece" (SARLO, 2010, p. 235, tradução nossa).⁵¹ As visões do centenário, em suma, e suas dimensões projetivas, já não convenceram nos anos 1930, e se tornarão ainda menos verossímeis conforme avança a década peronista.

É com o peronismo, a partir 1943, nesse sentido, e com a intervenção na universidade que se segue, que a discussão sobre a relação entre política e universidade, conhecimento livre e conhecimento para a nação e, sobretudo, a discussão sobre o papel do intelectual na conformação da cultura nacional se torna ainda mais acirrada. Se, antes desse episódio, os setores mais tradicionais das letras argentinas já nutriam uma certa desconfiança em relação ao ensino profissionalizante e técnico que percebiam nas universidades, a emergência do peronismo parecerá, para esses setores, apenas reforçar a vocação antidemocrática da cultura científica. Tudo se passa como se o peronismo confirmasse o diagnóstico trágico que se vinha gestando desde a geração de Miguel Cané, passando pelo discurso apocalíptico de Lugones e, por fim, pelo "exílio interno" da geração de Sur. É conhecido o episódio, inclusive, em que Borges é "promovido" de seu cargo na Biblioteca Nacional a inspetor de feiras públicas, anedota que simboliza, apesar de seus tons pessoais, uma ampla animosidade que se tornaria paulatinamente mais aguda.

Se, por um lado, o peronismo era interpretado pelo público letrado dos cafés como o reino da morte do espírito, da massa e da ditadura do número, ou seja, da técnica; o discurso romântico do peronismo, alinhado às concepções metafísicas e espiritualistas então em voga no universo alemão, também o indispunha com os setores mais técnicos da universidade.⁵² Tudo se passa como se a antiga desconfiança do setor letrado

⁴⁹ Do original: Paris, identificado con erotismo, vicio, histeria, y todo lo que histórica y culturalmente se va desagregando, aparece con nitidez en Pierrô de Guiraldes.

⁵⁰ Do original: A un momento vivido como crítico, la explicación o la figuración histórica parecía brindar un principio de orden intelectual y una jerarquía causal.

⁵¹ Do original: trabajar solo em la esfera del espíritu para mostrar una verdad que, sepultada bajo las apariencias, solo un puñado de argentinos invisibles conocen.

⁵² Um exemplar dessa filiação pode ser encontrado no curioso Manifesto da F.A.N.O.E. (Frente de afirmación del nuevo orden espiritual), datado de setembro de 1932, em Buenos Aires. O documento, redigido por Saul Taborda, apareceu na *Revista Jurídica y de Ciencias Sociales*, ano II, n. 1, 1982, p. 106. Constatando a dissolução social e sua correlata crise espiritual, o grupo alertava para que "Nem essa sociedade nem essa cultura podem sobreviver ao formidável desequilíbrio do velho mundo contemporâneo" (TABORDA, 1982, p. 279, tradução nossa) ["ni esa sociedad ni esa cultura podrán sobrevivir al formidable desequilibrio del viejo mundo contemporáneo" (idem, p. 297)]. O público em geral, lamentam-se, dá pouca atenção ao conteúdo espiritual implícito nas transformações sociais, "Ao extremo de querer perpetuar formas espirituais típicas da ideologia burguesa do século XIX: biología darwiniana, sociología naturalista, metafísica materialista, ética utilitarista e pedagogia, literatura e arte realistas, etc. São, apesar de seu esquerdismo econômico-social, radicalmente reacionários no espírito" (ibidem, p. 298, tradução nossa) ["hasta el extremo de querer perpetuar formas espirituales típicas de la ideología burguesa del siglo XIX: biología darwiniana, sociología naturalista, metafísica materialista, ética y pedagogia utilitarias, literatura y arte realistas, etc. Son, no obstante, su izquierdismo económico-social, radicalmente reaccionarios en el espíritu" (298)]. Os signatários do documento são professores e escritores conhecidos no universo intelectual argentino, dado que permite mensurar a natureza e o alcance dos discursos espiritualistas então em voga. Constam, entre eles, Luis Juan Guerrero, Juan Mantovani, Francisco Romero, Luis Falcini, José Luis Romero, Antonio Ardissonne, Luis Baudizzone, Horacio Cópola, Carlos Ruiz, Jordán Bruno Genta (Buenos Aires), Saul Taborda e Carlos Astrada (Córdoba), Luis Aznar, Anibal Sánchez Reulet, Juan Villareal, Carlos Bianchi (La Plata) e Hugo Calzetti, José Babini e Marta Samatán de Santa Fé.

em relação à universidade se recrudescesse mesmo no momento em que essa instituição passa a almejar o acesso a um objeto de cultura que antes ficava restrito a esse grupo hermético dos dândis-escritores, emancipando-se da tutela das expectativas dos fundadores. Se, conforme Tunnermann, "as universidades latino-americanas, como fiel reflexo das estruturas sociais que a independência não conseguiu modificar, seguiam sendo os 'vice-reinados' do espírito, e conservavam, em essência, seu caráter de academias senhoriais" (2008, p. 39, tradução nossa),⁵³ após a reforma de Córdoba essa configuração seria, pela primeira vez, francamente questionada. Enquanto os cursos universitários se restringiam às habilitações técnicas em Medicina, Direito ou Engenharias, as relações com o mundo letrado eram, além de mais estáveis, mais claras, com muitos nomes transitando de um campo para o outro sem que isso compromettesse, em absoluto, seu prestígio específico em cada um dos campos. Aos poucos, e sobretudo após a Reforma de Córdoba e o crescimento da Faculdade de Filosofia, essa relação vai se tornando menos fluida e, sobretudo, mais belicosa. Esse recrudescimento pode ser acompanhado, por exemplo, a partir da mudança nos critérios de acesso ao sistema de ensino – uma das primeiras medidas do governo peronista, por exemplo, foi permitir o acesso de egressos do ensino técnico às universidades⁵⁴ – e de nomeação docente, âmbito no qual, desde 1918, colocava-se a necessidade de concursos e provas orais e de titulação, dificultando o acesso às cátedras via notório saber.⁵⁵

Durante o peronismo (1946-1955), a Universidade de Buenos Aires cresceu em infraestrutura material e em alcance de matrículas. Acompanhou, nesse sentido, todo o ensino básico e, especialmente, o ensino técnico, que também

recebeu vultosos aportes materiais. A década de 1950, contudo, conforme veremos, aprofundará o que ficou conhecido como peronização, inclusive a nível universitário, do sistema de ensino. Com o golpe de estado dado por Farrell e pelo qual depois se consolidará com o general Perón, tem início um processo diagnosticado por Donghi (2012), no qual a universidade deixa de ser um problema cultural para tornar-se um problema político. A intervenção imediata das universidades por parte do governo peronista inicia uma relação de enfrentamento que perdurará, com oscilações setoriais, por toda a década (1943-1955).

Com marcada coerência, as demandas pela busca do "ser argentino" se projetavam, institucionalmente, em um projeto de universidade nacionalista. No decreto de intervenção de 1945, inclusive, (n. 3150. 10.02.1945) explicita-se que considerando que há uma "crise" na universidade e que tal situação exacerba a necessidade urgentemente de uma reforma, não seria mais possível, para o setor tradicionalmente alocado no ensino superior – as elites liberais, nos termos de Perón – camuflar a desvirtuação institucional que tomou conta dos quadros do ensino superior. Parecia fundamental, pois, a manutenção de um ambiente alheio a todo tipo de paixões e proselitismo, pois a autonomia universitária não está acima de sua obrigação de obedecer às leis que "os proíbem de abandonar seu trabalho científico, técnico e social, de se engajar em atividades políticas, com as lutas naturais que dissociam e apaixonam e a distância irrelevante de sua missão e sua razão de ser" (ARGENTINA, 1945, p. 248, tradução nossa).⁵⁶

Na síntese de Fiorucci, "A intelectualidade vernacular reagiu em sua maioria com uma mistura de estupor ao que lhes parecia a reivindicação da barbárie e como um prestígio do estabelecido

⁵³ Do original: Las universidades latinoamericanas, como fiel reflejo de las estructuras sociales que la independencia no logro modificar, seguian siendo los virreinos del espíritu y conservaban, en esencia, su carácter de academias señoriales.

⁵⁴ Com o peronismo, abre-se a possibilidade de egressos do ensino técnico, ainda que com um exame de algumas coisas humanísticas que se fariam separadamente com aulas. *Actas del consejo directivo*, de março de 1952 dispõe que para ingressar na faculdade com o título de perito mercantil, os exames extras são: história antiga, literatura, psicologia e filosofia lógica e moral. Ver: INIBI, p. 59.

⁵⁵ Ver artigo 2, sobre a designação de professores, no documento "Actas del consejo directivo": "o aspirante deverá apresentar seus antecedentes: títulos profissionais, referência de antecedentes de ensino e obras publicadas" (ARGENTINA, 1918, p. 67-68, tradução nossa). Do original: el aspirante deberá presentar sus antecedentes: títulos profesionales, nómina de antecedentes en enseñanza y obras publicadas.

⁵⁶ Do original: les vedan abandonar la obra científica, técnica y social que les compete, para entregarse a actividades políticas, con las naturales luchas que disocian y apasionan y el irreparable alejamiento de su misión y de su razón de ser.

mento do fascismo no país" (2002, p. 1, tradução nossa).⁵⁷ É nesse contexto que tanto as revistas como as instituições, como o CLES (Colegio Libre de Estudios Superiores) e a SADE (Sociedad Argentina de Escritores), protagonizam esforços na tentativa de resguardar a esfera privada da intervenção peronista, vivida e narrada como experiência autoritária. Por fim, nota-se que a relação de tensão entre esfera privada e universidade é, além de constitutiva da autoimagem letrada da Argentina da primeira metade do século XX, uma possibilidade de pensar os fenômenos intelectuais a partir de sua dimensão sincrônica, trazendo a tensão entre os dois espaços para a linha de frente da análise.

Referências

- ADORNO, T. W. *Palavras e Sinais. Modelos críticos*. 2. ed. Tradução Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. *Epistemología y Ciencias Sociales*. Tradução Vicente Gómez. Madrid: Ed. Cátedra, 2001.
- ADORNO, T. W. *Notas de Literatura 1*. São Paulo: Ed. 34, 2012. (Coleção Espírito Crítico).
- ALTAMIRANO, C. Um mundo em crise. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo. v. 21, n. 2., nov. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702009000200002>.
- ALTAMIRANO, C. (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Las aventuras de la ciudad letrada. Buenos Aires: Ed. Katz Conocimiento, 2010. t. II.
- ANGENOT, M. Malaise dans l'idée de Progrès (1889). In: *Mots*, n°19, juin. 1989. <https://doi.org/10.3406/mots.1989.1462>.
- ASTRADA, C. *El Mito Gaucho. Martín Fierro y el hombre argentino*. Buenos Aires: Ed. Cruz del Sur, 1948.
- BENDER, T. *Intellect and public life*. Essays on the social history of Academic Intellectuals in the Unites States. [S. l.]: John Jopkings University Press, 1997.
- BORGES, J. L. O escritor argentino e a tradição. In: BORGES, Jorge Luis. *Discusión: Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1957. p.151-162.
- BORROTORÁN, P. El peronismo bajo el prisma de los intelectuales. *Anais da ANPHLAC*, Campinas, 2006.
- BOS, J. Les Types de marginalisation dans leur relation constitutive au discours. *L'Homme et la Société*. [s. l.], n. 167, p. 168, 2008. <https://doi.org/10.3917/lhs.167.0177>.
- BOURDIEU, P. *The State nobility*. Elite Schools in the field of power. Tradução Lauretta Clough. [S. l.]: Polity Press, 1996.
- BOURDIEU, P. *A distinção. Uma crítica social da faculdade do juízo*. Tradução Pedro Durte. Lisboa: Ed. 70, 2010.
- BOURDIEU, P. PASSERON, J. *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. 3. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- BRINKMANN, D. *La Teoría de la Transferencia Cultural y la Construcción de un referente cultural alemán em la España de entreguerras (1919-1936)*. Tese (Doutorado) — Universidade Complutense de Madrid, 2014.
- BRUNO, P. *La Vida literaria porteña entre el 1860 y el fin de siglo*. *Anuario IEHS* 24, p. 339-368, 2009.
- BUCHBINDER, P. *Historia de la Facultad de Filosofía y Letras*. Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.
- BUCHBINDER, P. *Los Quesada*. Letras, Ciencia y Política em Argentina, 1850-1934. Buenos Aires: Edhasa, 2012.
- CALDELARI, M. FUNES, P. *Escenas Reformistas de la Reforma Universitaria 1918-1930*. Buenos Aires: EUDEBA, 1998.
- CALIFA, J. SEBASTIAN. *Reforma y Revolución*. La Radicalización Política del Movimiento Estudiantil de la UBA, 1943-1966. CABA. Buenos Aires: Eudeba, 2014.
- CIRIA, A.; SANGUINETTI, H. *Los Reformistas*. Buenos Aires: Editorial Jorge Álvarez, 1968.
- COSER, L. *Hombres de ideas*. El punto de vista de un sociólogo. Tradução Ivonne de la Peña. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- DARÍO, R. El Triunfo del Calibán. In: GOMEZ-MARTINEZ, José Luis. *Ensayistas.org* [online]. [S. l.]: José Luis Gomez-Martinez, c1997-2015. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/dario/>.
- DE TORRE, G. Madrid: Meridiano intelectual de Hispanoamérica. *La Gaceta literaria*, Madrid, 15 abr.1927.
- DELICH, F. *La invención de la Universidad*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Cabrera, 1988.
- DI TELLA, T. La sociología Argentina en una perspectiva de veinte años. *Desarrollo Económico*, v. 20, n. 79, p. 299-327, out./dez. 1980. <https://doi.org/10.2307/3466433>.
- DI TELLA, T. *Historia Social da Argentina Contemporânea*. Brasília, DF: Funag, 2010.
- DONGHI, T. H. *Historia de la universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Libros de Rojas, 2012.
- DURKHEIM, E. *La vie universitaire a Paris*. Paris: Libraire Armand Colin, 1918.
- ELIAS, N. MARTINS; H. WHITLEY, R. *Scientific Establishments and Hierarchies*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1982. <https://doi.org/10.1007/978-94-009-7729-7>.

⁵⁷ Do original: La intelectualidad vernácula reaccionó en su mayoría con una mezcla de estupor a lo que se les aparece como la reivindicación de la barbarie y como prestigio de la instauración del fascismo en el país.

- FIORUCCI, F. El anti-peronismo intelectual: de la guerra ideológica a la guerra espiritual. *Paper de LASA* Washington D.C., p.6-8, 2001a.
- FIORUCCI, F. Los escritores argentinos y la SADE. *Prismas: Revista de História Intelectual*, [s. l.], n. 5, p. 101-105, 2001b.
- FIORUCCI, F. Los marginados de la revolución: los intelectuales peronistas. *Congresso Brasileiro de His-panistas*, out. 2002. Scielo.
- FREEDEN, M. Crisis? How is that a crisis?! Reflection on nan overburneded world. *Contributions to the history of concepts*, [s. l.], v. 12, Issue 2, p. 12-28, Winter 2017. <https://doi.org/10.3167/choc.2017.120202>.
- FUNES, P. *Salvar la Nación*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- GALVEZ, V. (Vicente Quesada) *Memorias de un Viejo*. Escenas de Costumbres de la República Argentina. Buenos Aires: Ed. Argentinas Solar, 1942.
- GORELIK, A. A Buenos Aires de Ezequiel Martines Estrada. *Tempo Social*, [s. l.], v. 21, n. 2, jan. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702009000200003>.
- GRAMUGLIO, M. T. Sur: uma minoria cosmopolita na periferia ocidental. *Tempo social*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 51-59, 2017. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100004>.
- KARADY, V. Os sociólogos antes de 1950. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 38, p. 62-93, jan./abr 2018. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2018v17n38p62>.
- KING, J. *Sur. A study of the Argentine Literary Journal and its role in development of a Culture, 1931-1970*. London: Cambridge Iberian and Latin American Studies, 1986. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511897931>.
- KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.
- KOSELLECK, R. *Crítica e Crise*. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução Luciana Villas Boas Castelo Branco. UERJ. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, R. *The practice of conceptual history*. Timing History, Spacing concepts. Stanford: Un. Press, 2002.
- LARRAZ, F. *¿Un Campo Editorial?* Cultura literaria, mercados editoriales entre argentina y España. *Cuadernos del CILHA*, Mendoza, v. 15, n. 21, dec. 2014.
- MALLEA, E. *Historia de una pasión Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1961.
- MANNHEIM, K. Competition as a cultural phenomenon. In: WOLFF, Kurt H. *From Karl Mannheim*. New York: Oxford University Press, 1971. p. 223-261.
- MARRAMAO, G. *Poder e Secularização*. As categorias do tempo. Tradução Guilherme Gomes de Andrade. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- MARSAL, J. F. (DIR). *El intelectual latino-americano*. Un Simposio sobre sociología de los intelectuales. Buenos Aires: Instituto Torcuato di Tella, 1970.
- MATOS, O. *A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.
- MERLIO, G. Le pessimisme culturel entre la France et l'Allemagne. *Mil neuf cent*, [s. l.], n. 14, p. 41-67, 1996. Progrès et décadence. <https://doi.org/10.3406/mcm.1996.1150>.
- MICELI, S. *Sonhos da periferia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MICELI, S. *Vanguardas em Retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MONÉGAL, E. *El juicio de los parricidas*. La nueva generación argentina y sus maestros. Buenos Aires : Deucalión, 1956.
- MORIN, E. *Pour une sociologie de la crise*. *Communications*, [s. l.], 12, maio 1968. <https://doi.org/10.3406/comm.1968.1168>.
- NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. Tradução Vera Pereira. São Paulo: EDUSP, 1997.
- NEIBURG, F. PLOTKIN, M. *Intelectuales y Expertos*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2004.
- NISBET, R. A sociologia como forma de arte. *Revista Plural*, Sociologia, USP, São Paulo, v. 7, p. 111-130, 1 sem. 2000. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2000.75487>.
- PASTERNAC, N. La Revista Sur: un cierto americanismo. In: CRESPO, R. (coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México. [S. l.]: CIALC/ Eón Editores, 2010.
- PEREYRA, D. *Dilemmas, challenges and uncertain boundaries of Argentinian sociology*. Tese (doutorado) — Un. Sussex at Brighton, 2005.
- PINTO, L. L'inconscient scolaire des philosophes. *Actes de la recherche en sciences sociales*, [s. l.], v. 135, p. 48-57, décembre 2000. Inconscients de l'école. <https://doi.org/10.3406/arss.2000.2700>.
- PINTO, Louis. *Le commerce des idées philosophiques*. Paris: Éditions du Croquant, 2009.
- PODLUBNE, J. *Compromiso espiritual e independencia creadora*. Una moral humanista para la literatura en la Revista Sur (1935-1945). *Revista Iberoamericana*, Madrid, año IX, n. 35, p. 19-35, 2009.
- RASMUSSEN, A. Critique du progrès 'crise de la science': débats et représentations du dournant du siècle. *Mil Neuf Cent*, [s. l.], n. 14, p. 89-113, 1996. Progrès et décadence. <https://doi.org/10.3406/mcm.1996.1152>.
- RINGER, F. *O Declínio dos Mandarins Alemães*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- ROMERO, F. *Los problemas de la filosofía de la Cultura*. Santa Fé: Instituto Social de la UNL, 1936.
- ROMERO, J. L. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Ed. Siglo Veintiuno, 1976.
- ROMERO, J. L. *Historia de las Ideas Políticas en Argentina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

- ROMERO, J. L. (comp.). *La experiencia argentina y otros ensayos*. Buenos Aires: Ed. Aguilar/Taurus, 2004.
- ROMERO, L. A. (coord.). *La Argentina en la escuela: la idea de nación en los textos escolares*. Buenos Aires: Siglo XXI Editor, 2004.
- RÜEGG, W. (coord.). *Uma História da Universidade na Europa*. Vol. II. Tradução Universidade do Porto. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. cap. 6.
- RUVITUSO, C. *Diálogos existenciales*. La filosofía alemana em la Argentina Peronista (1946-1955). Madrid: Iberoamericano, IAI, Vervuet, 2015.
- SANCHEZ, M. Intelectualidad Española en América Latina. La junta para ampliación de Estudios y sus redes culturales. *Sociotam.*, [s. l.], v. 17, n. 1, 2007.
- SAPIRO, G. HEILBRON, J. La traduction littéraire, un object sociologique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, [S. l.], v. 144, set. 2002. <https://doi.org/10.3917/arss.144.0003>.
- SARLO, B. Los dos ojos de contorno. *Revista Iberoamericana*, [s. l.], v. XLIX, n. 125, out./dez. 1983. <https://doi.org/10.5195/REVIBEROAMER.1983.3839>.
- SARLO, B. *La imaginación técnica*. Sueños Modernos de la cultura argentina. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1997.
- SARLO, B. e ALTAMIRANO, C. *Ensayos Argentinos, de Sarmiento a la Vanguardia*. Buenos Aires. Ed. Ariel, 1997.
- SARLO, B. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução Julio Pimentel, prólogo de Miceli. Prosa no observatório. São Paulo: Cosac-Naif, 2010.
- SARLO, B. *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2011.
- SARLO, B. *Intelectuais*. Em Antología del pensamiento crítico argentino. CLACSO. Texto em Tempo Presente. Buenos Aires: Siglo XXI Ed., 2015. p. 195-253
- SCHORSKE, C. *Fin de SiÈcle Vienna: Politics and Culture*. New York : Vintage Books, 1981.
- SEBRELI, J. J. S. *La saga de los Anchorena*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1985.
- SHILS, E. *The Calling of Sociology and Other Essays on the pursuit of Learning*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- SHUSTER, M. *Autonomy after Auschwitz: Adorno, German Idealism and Modernity*. Chicago : Chicago university Press, 1992.
- SIGAL, S. *Le Role politique des intellectuels en Amerique Latine*. La derive des intellectuels en Argentine. Paris. Ed. L'Harmattan, 1996.
- SIGAL, S e VERÓN, E. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: EUDEBA, 2003.
- SILVA, P. R. As Revistas Sur, Contorno e a Nova Geração intelectual argentina. *Revista da ANPHLAC*, n. 464.
- SNOW, C. P. *The two Cultures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SOMOZA RODRIGUES, M. *Educación y política em Argentina (1946-1955)*. Buenos Aires: Ed. Miño y Dávila, 2006.
- SPINELLI, M. *Los vencedores vencidos: el anti-peronismo y la revolución libertadora*. Buenos Aires: Ed. Bilbos, 2005.
- SUASNÁBAR, C. *Universidad e Intelectuales*. Educación y Política em la Argentina. Buenos Aires: FLACSO, 2004.
- SVAMPA, M. *El dilema argentino: civilización o barbarie – De Sarmiento al revisionismo peronista*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1994.
- TABORDA, S. *La crisis espiritual y el ideario argentino*. Santa Fé: Universidad nacional del Litoral, 1941.
- TERÁN, O. *Nuestros años sesenta*. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina (1956-1966). Buenos Aires: Ed. Puerto Sul, 1991a.
- TERÁN, O. *Rasgos de la cultura intelectual argentina*. Rockefeller Humanities Fellow. [S. l.]: University of Maryland at College Park, 1991b.
- TERÁN, O. (org.). *Ideas en el siglo – intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- TERÁN, O. *Vida intelectual em el Buenos Aires fin de siglo (1880-1910)*. Derivas de la Cultura Científica. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- TUNNERMANN, C. *Ensayos sobre la universidad latinoamericana*. San José: Ed. Universitária Centro-Americana, 1981.
- UBALLES, F. *Memória de la UBA, ano 1906-1907*, [s. l.], ano IV, artigo VII, n. 34-35, p. 333.1907. <https://doi.org/10.3406/ccmaa.1907.3936>.
- VÁSQUEZ-RIAL, H. (org.). *Buenos Aires (1880-1930): la capital de un imperio imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- VEZZETTI, H. *Aventuras de Freud en el país de los argentinos*. De José Ingenieros a Enrique Pichón Rivière. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- VIÑAS, D. *Literatura argentina y política*. De los jacobinos porteños a la bohemia anarquista. Buenos Aires: Santiago Arcos Ed., 2005.
- WISZNIACKI, M. *El Peronismo y la Crisis de la hegemonía en la Argentina*. Facultad de ciencias sociales de la UBA. Universidad de Buenos Aires, 2004.

Alexandra Dias Ferraz Tedesco

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas, SP, Brasil; professora adjunta do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), área de História Moderna e Contemporânea, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Alexandra Dias Ferraz Tedesco
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Departamento de História – IFCH
São Francisco Xavier, 524
Maracanã, 20943000
Rio de Janeiro, RJ, Brasil